

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

CONSTÂNCIA MAISA ANDRADE SANTOS

**AS CONSEQUÊNCIAS DIANTE DAS PRÁTICAS DE *BULLYING* NO
DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo de
caso no município de Nossa Senhora das Dores/SE**

**Aracaju – SE
2022**

CONSTÂNCIA MAISA ANDRADE SANTOS

**AS CONSEQUÊNCIAS DIANTE DAS PRÁTICAS DE *BULLYING* NO
DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo de
caso no município de Nossa Senhora das Dores/SE**

**Monografia apresentado à Faculdade
Amadeus, como requisito final para
obtenção do Grau de Licenciada em
Pedagogia.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tâmara Regina
Reis Sales**

**Aracaju – SE
2022**

Biblioteca FAMA

S237c Santos, Constância Maisa Andrade
As consequências diante das práticas de *bullying* no desenvolvimento dos alunos no contexto escolar : um estudo de caso no município de Nossa Senhora das Dores/SE / Constância Maisa Andrade Santos ; orientação [de] Prof.^a Dr.^a Tâmara Regina Reis Sales. – Aracaju : FAMA, 2022.

42 f.

Monografia (Pedagogia) – Faculdade Amadeus

Inclui bibliografia.

1. *Bullying* escolar. 2. Formação continuada. 3. Violência. I. Sales, Tâmara Regina Reis (orient.). II. Faculdade FAMA. III. Título.

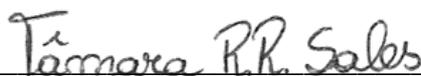
CDU: 371.5

**AS CONSEQUÊNCIAS DIANTE DAS PRÁTICAS DE *BULLYING* NO
DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo de
caso no município de Nossa Senhora das Dores/SE**

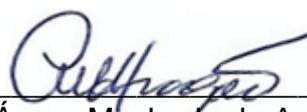
**Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do Curso
de Pedagogia da Faculdade Amadeus sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Tâmara
Regina Reis Sales**

Aprovada em 25/10/2022.

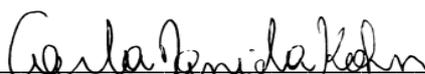
Banca Examinadora



Prof.^a Dr.^a Tâmara Regina Reis Sales (Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Áurea Machado de Aragão (Avaliadora)



Prof.^a Ma. Carla Daniela Kohn (Avaliadora)

**Aracaju
2022**

Dedico este trabalho, a todos que direta ou indiretamente, contribuíram para a sua construção e em especial para todos que já vivenciaram o bullying. Vocês não estão sozinhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, agradeço por todas as bênçãos derramadas sobre mim no decorrer da minha trajetória.

Ao meu grande exemplo de força e fé, minha mãe, agradeço por todos os incentivos e orações, a senhora é o meu pilar, te amo. Aos meus irmãos agradeço por estarem sempre ao meu lado.

A minha avó (in memória) por ter ajudado em minha criação, serei eternamente grata tudo que a senhora fez por mim.

A minha família e de forma especial aquelas que contribuíram para que meu maior sonho torna-se realidade.

A minha família de coração, que construir quando residir no município de Gararu e que tem estado ao meu lado, agradeço por todas as orações e por todo carinho.

Aos meus colegas de trabalho e toda a Equipe do General Calazans, agradeço por toda compreensão e apoio.

A minha grande amiga Denise Ramos, por ter sido meu incentivo para a minha escolha profissional.

A realização de trabalho somente foi possível graças a minha orientadora Prof^a Dr.^a Tâmara Regina Reis Sales, agradeço por ter acreditado em meu projeto, por todos os incentivos, compressão e apoio. Muito obrigada!

À Faculdade Amadeus que em função de sua estrutura organizacional, vem proporcionando para os alunos das diversas áreas do conhecimento, em diversos níveis, o contato com a conjuntura educacional do nosso Sergipe, quiçá do nosso país; a todos os meus mestres agradeço por terem sido os principais responsáveis para a minha formação profissional.

A toda a turma do curso de pedagogia, por todo o companheirismo no decorrer dos anos. E em especial as minhas amigas que tive a honra de conhecer, partilhar conhecimentos e conquistas.

A escola na qual realizei as entrevistas para a construção do meu trabalho, agradeço por toda a receptividade.

A todos externo meus sinceros agradecimentos.

“A violência destrói o que ela pretende defender: a dignidade da vida, a liberdade do ser humano.” (JOÃO PAULO II)

RESUMO

O *bullying* é o termo utilizado para explicar um tipo de violência em que um determinado sujeito (agressor) escolhe uma vítima ou grupo frágil para cometer atos violentos com frequência levando a uma perseguição, sendo ela física, verbal e/ou psicológica. Seus estudos iniciais aconteceram em 1970 na Suécia e Dinamarca, por famílias e equipe escolar começarem a estranhar os contínuos atos violentos no ambiente escolar, porém foram realizados lentamente, até chegaram no Brasil os reflexos dos primeiros estudos em 2001, no entanto, por se tratar de um assunto que vem tomando grande proporção, o *bullying* não é discutido com veemência. Pequenos avanços têm acontecido no Brasil, um deles foi a criação da lei 13.186 de 6 de novembro de 2015 que destaca como crime a quem comete o *bullying*, outras leis também foram criadas nesse sentido. O presente estudo foi fundamentado em pressupostos teóricos e pesquisas de caráter qualitativo e exploratório, com o principal objetivo de compreender os efeitos causados por meio do *bullying* tanto no cognitivo quanto no emocional da vítima. Por este motivo, para uma melhor compreensão sobre o tema, foi realizada uma investigação em uma escola da rede pública municipal em Nossa Senhora das Dores/SE, mediante os resultados coletados pode-se destacar a falta de preparo da escola e da docente na identificação e prevenção dos casos e quanto o *bullying* afeta negativamente a vida escolar e o psicológico das crianças e adolescente.

Palavras-chave: *Bullying* escolar. Formação Continuada. Violência.

ABSTRACT

Bullying is the term used to explain a type of violence in which a particular subject (aggressor) chooses a victim or fragile group to commit violent acts, often leading to persecution, whether physical, verbal and/or psychological. Its initial studies took place in 1970 in Sweden and Denmark, when families and school staff began to find the continuous violent acts in the school environment strange, but they were carried out slowly, until the reflexes of the first studies arrived in Brazil in 2001, however, because it was of a subject that has been taking great proportion, bullying is not discussed with vehemence. Small advances have been made in Brazil, one of them was the creation of law 13,186 of November 6, 2015, which highlights those who commit bullying as a crime, other laws were also created in this sense. The present study was based on theoretical assumptions and qualitative and exploratory research, with the main objective of understanding the effects caused by bullying on both the cognitive and emotional aspects of the victim. For this reason, for a better understanding of the subject, an investigation was carried out in a public school in Nossa Senhora das Dores/SE, through the collected results it can be highlighted the lack of preparation of the school and the teacher in the identification and prevention of cases and how bullying negatively affects the school life and the psychological of children and adolescents.

Keywords: School bullying. Continuing Training. Violence.

LISTA DE SIGLAS

ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 <i>Bullying</i>	15
3.2 O <i>bullying</i> escolar	17
3.3 O <i>bullying</i> escolar e a função da escola	18
4 ANÁLISE DA PESQUISA	23
4.1 Entrevista com o coordenador pedagógico	23
4.2 Entrevista com a docente	28
4.3 Entrevista com os discentes	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida tem como objeto de estudo o *bullying* praticado nas escolas. Para um breve entendimento o bullying pode ser compreendido como práticas agressivas que intimida o sujeito, os casos mais recorrentes acontecem nas escolas, sem que haja nenhuma justificativa para as agressões, ou seja, o agressor tem prazer em humilhar e agredir as vítimas, deixando, muitas vezes, traumas psicológicos.

O presente estudo foi realizado em uma Escola da rede Municipal de Ensino, localizada na cidade de Nossa Senhora das Dores/ SE, com alunos do Ensino Fundamental do 5º ano, pois já são capazes de responderem as perguntas que lhes forem feitas, com a equipe pedagógica e professores. Por meio da pesquisa sobre o tema, foi possível chegar a considerações sobre a problemática exposta.

As questões de pesquisa levantadas foram: Como as crianças que já sofreram *bullying* comportam-se em sala de aula? É possível identificar se aprendizagem dessas vítimas foi comprometida? Quando são identificados casos de *bullying*, quais os meios que a instituição escolar, juntamente com os responsáveis, utiliza para sanar tal situação?

Mediante as situações vivenciadas pela autora do estudo, o *bullying* foi classificado por terceiros como uma temática ultrapassada sem nenhuma importância na vida dos educandos, infelizmente pode-se encontrar inúmeros casos nas escolas, que por muitas vezes quando descobertos são taxados como brincadeiras de crianças e as vítimas são pessoas fracas, mimadas e que têm que se acostumar com as agressões. Para eles é uma maneira de se preparar para o mundo, por não terem apoio e acompanhamento adequado essas vítimas carregam traumas por toda sua vida, podendo afetar a sua aprendizagem e o emocional.

Por este motivo o *bullying* nas escolas precisa ser analisado e discutido, nesse sentido a pesquisa será uma maneira de analisar os casos que já existem e descobrir novos, para que assim possam ter um acompanhamento adequado para que não desenvolvam traumas que possam trazer consequências na trajetória educacional e social dessas crianças.

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos que já sofreram algum tipo de *bullying* na Escola Municipal em Nossa Senhora das Dores. E para um melhor desenvolvimento e

aprofundamento do trabalho foi especificado o conceito de *bullying* escolar; investigar os casos de *bullying* na Escola Municipal em Nossa Senhora das Dores; Compreender como a equipe pedagógica, junto com os responsáveis, buscam solucionar o problema do *bullying* na escola.

Pode-se assim ressaltar que o presente trabalho tem como base metodológica a pesquisa exploratória e bibliográfica, buscando por meio do estudo de caso, observação e entrevistas uma maior aproximação com o tema escolhido, o *bullying* em uma Escola Municipal da cidade de Nossa Senhora das Dores/ SE.

2 METODOLOGIA

De acordo com Gil (2008) pode-se definir pesquisa como processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, ou seja, a pesquisa busca descobrir as respostas para o problema utilizando os meios científicos e a partir dela possa ser obtido novos conhecimentos.

Nesse sentido, a pesquisa exploratória será o alicerce do estudo, pois tem por finalidade desconstruir e reconstruir conceitos e ideias já existentes, possibilitando assim a formulação de problemas mais específicos. Para realização da investigação é necessário que haja a junção de levantamentos bibliográficos e estudos de caso, realizado por meio de observações e entrevistas. Dessa forma: “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com objetivos de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo de um determinado fato” (GIL, 2008, p. 27).

As pesquisas exploratórias não se preocupam com técnicas quantitativas, ou seja, prezam pela qualidade para a resolução do problema. Dessa forma podemos citar a perspectiva do método qualitativo como um processo investigativo. De acordo com Maradinho (2009, p. 3 apud SILVA, 2013, p. 43)

Na perspectiva qualitativa, os caminhos que norteiam o conhecimento científico visam à apreensão de processos acima do método, isso é, privilegia-se a informação interpretativa sobre a realidade, que está centrada na construção de dados. Se por um lado tem-se um sujeito que traz indagações de pesquisa a partir de suas concepções de mundo, por outro, o objeto é também um objeto-sujeito que fala e se posiciona conforme o seu contexto histórico-social.

Em relação à pesquisa de caráter bibliográfico, por sua vez, desenvolve-se a partir da análise de livros e artigos já existentes, com o objetivo de auxiliar no embasamento teórico da pesquisa. Segundo Gil (2008), a vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente, ou seja, irá auxiliar o pesquisador a analisar a temática para que possa ser melhor compreendida.

Dessa forma, para um melhor aprofundamento sobre a temática foi utilizado o estudo caso, que, é caracterizado por ser um estudo profundo da problemática.

Conforme Yin (2005 apud GIL 2008) o estudo de caso busca realizar a investigação por meio das experiências de um determinado sujeito no seu contexto atual.

Para a obtenção da coleta de dados, foram utilizadas a observação e entrevista em uma Escola da rede Municipal de Ensino, localizada na cidade de Nossa Senhora das Dores/ SE, com alunos do Ensino Fundamental, com a equipe pedagógica e professores. A observação é fundamental para a pesquisa, por ser responsável no auxílio da coleta de dados, a mesma pode ser considerada como um método de investigação. Segundo Gil (2008), a observação está presente desde a formulação do problema, na construção de hipóteses, coleta, análise e na interpretação de dados tendo assim grande relevância para pesquisa.

Por ser considerada uma técnica excelente para obtenção de dados, a entrevista é fundamental para a investigação. Dessa forma,

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, p. 109)

Vale ressaltar que essa técnica não é somente utilizada para coletar dados, tem também como objetivo diagnosticar e orientar adequadamente o sujeito. Dessa forma, a entrevista poderá ser desenvolvida por meio da entrevista focalizada.

Este tipo de entrevista é bastante empregado em situações experimentais, com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas. Também é bastante utilizada com grupos de pessoas que passaram por uma experiência específica, como assistir a um filme, presenciar um acidente etc. Nestes casos, o entrevistador confere ao entrevistado ampla liberdade para expressar-se sobre o assunto (GIL, 2008, p. 112).

A entrevista focalizada dá a possibilidade de o entrevistado responder livremente sobre o tema.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 *Bullying*

A princípio, o termo *bullying* parece ser algo que surgiu recentemente, mas, pelo contrário, essas agressões cometidas no ambiente escolar vêm desde antigamente, porém não eram compreendidas, ou seja, não tinham um termo específico para caracterizá-las. De acordo com algumas pesquisas, pode-se constatar que o Brasil, comparado a outros países, não tem um estudo aprofundado sobre a temática. Dessa forma,

No Brasil, o *bullying* ainda é pouco estudado, e por isso não é possível obter uma visão global do fenômeno para que possamos fazer uma comparação com outros países. O que se pode afirmar é que em relação a outros países, estamos muitos anos em atraso em estudos e pesquisas e, conseqüentemente, em políticas públicas de prevenção e intervenção (OLIVEIRA, 2015, p. 5).

Apesar de ser uma temática cujos estudos não são avançados como deveriam, uma Lei 13.186 de 6 de novembro de 2015, estando ela em vigor desde 2016, foi criada para combater as vítimas. A referida lei, em seu artigo 1º, define o *bullying* como:

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015, Art. 1).

Está contido nessa mesma lei, como se pode classificar o *bullying* em seu art. 3º destaca-se:

Art. 3º A intimidação sistemática (bullying) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

I - Verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;

II - Moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;

III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;

IV - Social: ignorar, isolar e excluir;

V - Psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;

VI - Físico: socar, chutar, bater;

VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;

VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social (BRASIL, 2015, p. 2).

Na lei 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que trata sobre a legislação que determina como o sistema educacional brasileiro deve funcionar, em seu artigo 12º que foi alterado pela lei 13.663/2018, declara que a instituição escolar deve realizar a conscientização e prevenção das práticas do bullying.

Art. 1º O **caput** do art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido dos seguintes incisos IX e X:

“Art. 12. Altera para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino

IX - Promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas;

X - Estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas (BRASIL, 2018, p. 6).

Mesmo com a lei estando em vigor, atualmente ainda surgem questionamentos sobre o *bullying*, por não saberem a fundo do que realmente se trata. Sabe-se que é um tipo de violência cometida no ambiente escolar com muita frequência, mas a violência pode ser classificada com diferentes termos, nesse caso faz-se necessário compreender a importância, do *bullying*.

Trata-se de um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada (CONSTANTINI, 2004 apud GRILLO; SANTOS, 2015, p. 4).

Nesse caso, pode-se deduzir que o *bullying* é uma violência que acontece intencionalmente, o agressor por prazer busca humilhar e agredir a vítima. Um ou um grupo de agressores comete o ato de maneira continuada e acontece tanto no ambiente educacional como também em outros ambientes.

3.2 O *bullying* escolar

A violência no ambiente escolar é algo que acontece a vários anos, o *bullying* é outro tipo de violência que vem tomando grande espaço no contexto escolar. Deve-se compreender que não é simplesmente uma “briguinha” comum de crianças da mesma faixa etária, é algo que vai além. De acordo com uma pesquisa realizada para obter o índice da prática e de algumas das motivações do *bullying*, os resultados são:

Sobre ser esculachado, zoadado, mangado, intimidado ou caçoado pelos colegas tanto que ficaram magoados, incomodados, aborrecidos, ofendidos ou humilhados, 23,0% dos escolares afirmaram que duas ou mais vezes se sentiram humilhados por provocações dos colegas nos 30 dias anteriores à pesquisa. Os percentuais foram maiores entre as meninas (26,5%) do que entre os meninos (19,5%). Entre os alunos de escolas privadas, a proporção foi de 22,9% e entre aqueles de escolas públicas, 23,0%. Os escolares de 13 a 15 anos tiveram os percentuais maiores tanto para as meninas (27,7%) quanto para os meninos (20,4%), comparados com as meninas (24,2%) e meninos (17,8%) de 16 e 17 anos. Com a relação às Grandes Regiões, a Centro-Oeste com 25,5% apresentou o maior percentual de escolares que informaram sofrer *bullying*, enquanto a Norte (18,8%), o menor percentual. Quando perguntados sobre o motivo de sofrerem *bullying*, os três maiores percentuais foram para aparência do corpo (16,5%), aparência do rosto (11,6%) e cor ou raça (4,6%) (IBGE, 2019, p. 40).

Os dados acima são a nível nacional, podemos assim destacar o índice de *bullying* no ambiente escolar no estado de Sergipe. Segundo Santos e Faro (2018) uma pesquisa foi realizada no estado de Sergipe para identificar alguns casos, 555 participantes com idade entre 14 e 18 anos foram questionados sobre tal problemática. Foram constatados que 20% dos entrevistados já havia sofrido *bullying*. Nesse sentido, é notório que o *bullying* no contexto escolar vem crescendo no decorrer dos anos.

Segundo Oliveira (2015), o aluno desde muito cedo é incentivado à competição, sendo inúmeras vezes utilizada para gerar motivação nos alunos no

desenvolvimento satisfatório das atividades. Nesse sentido as cobranças geradas sobre alunos podem causar frustrações, levando-os a terem ressentimentos por não atingirem o mesmo nível que os demais colegas de classe, gerando as práticas do *bullying*, pois estes alunos já estão com o espírito de competição e individualismo no seu interior. Segundo Soares e Oliveira (2019) um outro fator que pode acarretar a prática do *bullying*, vem do espaço familiar, o aluno antes da iniciação educacional tem seu primeiro contato com a família, dessa forma considera-se que famílias desestruturadas podem ser um dos pontos que desequilibram o comportamento desses alunos.

Porém tais afirmativas não podem ser consideradas como os únicos fatores para que o *bullying* aconteça, as citações dos autores são apenas dados de alguns estudos realizados com alguns estudantes. Cada sujeito é um ser único com mentalidade diferente, por este motivo não se pode generalizar que esses fatores são os únicos responsáveis.

3.3 O *bullying* escolar e a função da escola

O fenômeno *bullying* tem tomado grande proporção no contexto escolar, por ser um espaço de formação social do sujeito, inúmeros casos ocorrem diariamente em diversas escolas a nível nacional e mundial. Acredita-se que a grande maioria dos sujeitos enquanto estudantes tenham vivenciado o *bullying*. Dessa forma, pode haver questionamentos se tal violência acontece somente em uma determinada rede educacional.

O fenômeno *bullying* é uma realidade inegável nas escolas brasileiras independentemente de turno de estudo, localização da escola, tamanho da escola ou da cidade onde ela se localiza ou se são séries finais ou iniciais ou ainda se a escola é pública ou privada (FANTE, 2005 apud SOUZA; ALMEIDA, 2011, p. 3).

Nesse sentido, a escola precisa estar preparada para constatar os casos que acontecem no âmbito educacional, há necessidade de investigar e estar sempre alerta no comportamento dos alunos, atos repetitivos, implicância severa com alunos e outros aspectos.

No ato da prática do *bullying* existe a diferença entre a vítima e o agressor, segundo Fante (2005 apud LADISLAU 2015) o perfil do agressor por sua vez

caracteriza-se pela dominação e imposição por meio de ameaças para conseguir aquilo que deseja. Destaca-se também que o agressor por muitas vezes pertence a família que não costuma demonstrar carinho, diálogo, ausência dos pais e falta imposição de limites. Em relação a vítima existem três:

Vítima Típica: É pouco sociável, sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros, possui aspecto físico frágil, coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. Sente dificuldade de impor-se ao grupo, tanto física quanto verbalmente.

Vítima Provocadora: Refere-se àquela que atrai e provoca reações agressivas contra as quais não consegue lidar. Tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas não obtém bons resultados. Pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora. É, de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.

Vítima Agressora: Reproduz os maus-tratos sofridos. Como forma de compensação procura outra vítima mais frágil e comete contra esta todas as agressões sofridas na escola, ou em casa, transformando o bullying em um ciclo vicioso (SILVA, 2006 apud LADISLAU, 2015, p. 5).

Outro aspecto que muitas vezes passa despercebido do *bullying* no contexto escolar são os espectadores, ou seja, aquelas crianças que presenciam as agressões. São aqueles que não buscam interferir para ajudar as vítimas ou tampouco denunciar, por se sentirem ameaçados e serem as próximas vítimas.

Partindo dos aspectos do contexto do *bullying*, toda prática de violência seja ela qual for deixa diversas consequências na trajetória pessoal e educacional da vítima. Nesse sentido as vítimas começam a desenvolver transtornos psicológicos e dificuldades na aprendizagem. Portanto, percebe-se que os primeiros sinais desenvolvidos pela vítima estão diretamente ligados aos fatores psicológicos, pois a vítima começa a apresentar sintomas que podem ser de curto ou longo prazo, como explica logo abaixo,

Apresentam problemas em curto prazo (ansiedade e medo) e em longo prazo (depressão, baixa autoestima e comprometimento do desenvolvimento escolar) essas consequências podem ser físicas ou emocionais. O bullying causa estresse físico em uma criança. Ela fica em estado de alerta constante, o que se reflete em seu sistema nervoso e pode apresentar sintomas como: aumento do batimento cardíaco, aumento da frequência respiratória e outros (CARPENTER et al., 2011 apud SANTOS, 2016, p. 9).

Os danos psicológicos na vida das vítimas são prejudiciais de todas as formas para seu desenvolvimento, pois quando a vítima está em um ambiente que se sente ameaçada conseqüentemente seu modo de defesa será de se recluir, evitar ter contato com outras pessoas, por esses fatores a sua socialização como cidadão será prejudicada. Todo ser humano quando está com o emocional desestabilizado ele perderá o interesse por qualquer atividade seja ela diretamente ligada a hábitos pessoais ou a nível educacional.

O bullying afeta diretamente o desenvolvimento escolar de uma criança. Por ser constantemente maltratada, concentra suas forças em encontrar alternativas para escapar do sofrimento. Vive em estado de alerta e suas únicas preocupações passam a ser controlar suas emoções, evitar os bullies e chegar à casa em segurança. Estudar deixar de ser prioridade, não consegue se concentrar nas aulas, evita participar dos trabalhos em grupos e das atividades extracurriculares. Quando suas notas começam a cair, os pais e professores começam a pressioná-la, seus níveis de estresse se elevam ainda mais. Em muitos casos, acaba sendo reprovada e até desiste de estudar. É lamentável constatar que um bully tem o poder de ameaçar o futuro educacional e as oportunidades de vida de uma criança. Ao se sentir humilhada e perder a autoestima, ela pode deixar de aproveitar oportunidades que lhe dariam melhores empregos e uma carreira de sucesso (FERGUSON et al., 2011, p. 124 apud SANTOS, 2016, p. 9).

São notórias as inúmeras consequências que o *bullying* pode causar, o baixo rendimento escolar também é uma delas, simplesmente pelo fato do local escolar ser um ambiente que cause medos e traumas, por estas vítimas não se sentirem seguras perdem totalmente o foco das atividades escolares gerando um bloqueio mental, pois seu maior propósito e desafio é ficar em segurança. Nesse momento a escola e a família devem ficar em alerta, mas surge o questionamento, as escolas, os docentes e os pais estão preparados para identificar e propor soluções para o *bullying*?

Devido a prática do *bullying* acontecer com mais frequência no ambiente educacional, as escolas devem e precisam estar em constante preparação para resolver qualquer tipo de violência, principalmente o *bullying*. Mas para o problema ser resolvido a escola precisa aceitar a realidade e reconhecer que tal problemática existe. O primeiro passo, em seu Projeto Político Pedagógico deve elaborar e pôr em prática ações de combate ao *bullying*.

As escolas devem oportunizar aos alunos o acesso a informações e discussões sobre o tema para que eles conheçam o fenômeno *bullying* e as suas consequências, com o objetivo de evitá-lo. A melhor maneira de prevenir é não deixando acontecer é conhecer de maneira profunda as suas consequências (FAVARO, 2009, p. 25 apud SILVA, 2021, p. 23).

Nesse sentido, a escola precisa buscar auxiliar as vítimas e principalmente os agressores, pois por terem cometido a infração são excluídos por todos que estão ao redor, portanto a escola deve buscar meios para descobrir o porquê de as agressões estarem acontecendo e encontrar soluções, pois esses alunos envolvidos são os que mais se evadem da escola por conta da situação que estão vivenciando.

A escola funciona em parceria com todos que a compõem, principalmente como docente, sendo ele uma peça fundamental na formação do indivíduo, uma vez que ele está em constante contato com os alunos em sala de aula. Em suas práticas o docente deve levar em consideração as vivências dos seus educandos. Segundo Almeida et al. (2021) apontam que a teoria socio interacionista de Vygotsky busca levar ao docente estudos que auxiliem em suas práticas educacionais com características que fujam do tradicionalismo, levando-as para um novo pensamento para a formação dos seus educandos realizando uma junção entre os conteúdos e o cotidiano, podendo assim, proporcionar aos alunos meios para que se tornem críticos e reflexivos diante de diversas situações.

Nesse sentido, o docente tem importante papel para identificar as práticas de *bullying* em sala de aula, por ele ser um mediador espera-se que ele possa intervir no momento das agressões.

Os professores possuem dificuldades em lidar com o bullying tanto em sala de aula quanto em outros ambientes da escola. Podemos atribuir essa dificuldade à forma como o bullying é praticado, pois é comum na maioria dos casos os atos violentos serem praticados de forma dissimulada e/ou longe dos olhares do corpo docente. Constatou-se que os professores, perante os casos de bullying, ressaltam ao aluno a necessidade de intervenção, isso porque o aluno sente-se desamparado em meio às brigas e confusões e almeja que os professores solucionem os conflitos no âmbito escolar, o que reforça o “saber que/ o quê” do bullying em detrimento do “saber como lidar com”. Ou seja, destaca a importância de conhecer as características e o processo de evolução do bullying além das formas como lidar com essa problemática (ARAÚJO, 2014, p. 20).

Portanto o docente deve estar em constante aprendizagem para assim lidar com as diversas situações que encontra em sala de aula, dessa forma há necessidade de uma formação continuada a respeito do *bullying* e todas as áreas.

Para um bom funcionamento da instituição escolar é necessário a participação dos pais ou responsáveis no desenvolvimento da escola e na aprendizagem dos educandos. Sendo assim os pais ou responsáveis são fundamentais para detectar os comportamentos diferentes dos seus filhos, pois como já foi citado o *bullying* afeta a vida educacional e pessoal da vítima.

Os pais, ao se tornarem parceiros da escola, devem apoiar, sugerir e participar de ações desenvolvidas pela escola e demais segmentos sociais, bem como cobrar que essas ações aconteçam, visando à diminuição do comportamento agressivo e abusivo entre estudante (FANTE, 2005 apud SILVA, 2011, p. 12).

Assim, escola, docentes e pais devem caminhar em um mesmo sentido para prevenir, detectar e tomar as medidas cabíveis contra as práticas do *bullying*, pois quando essas vítimas são amparadas corretamente evita-se que aconteça danos mais severos, falar do *bullying* no ambiente educacional é indispensável, uma vez que o *bullying* pode levar ao suicídio quando essas vítimas não são compreendidas. Infelizmente o Brasil tem sido um grande cenário das práticas do *bullying* por conta da desinformação adequada para aqueles que poderiam ajudar a evitá-lo e das próprias vítimas por não conseguirem se expressar e muitos não entenderem que a violência que estão vivenciando trata-se do *bullying*.

4. ANÁLISE DA PESQUISA

A referente pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal, localizada no município de Nossa Senhora das Dores/ SE, a E.M.P.H.A., que fica em um bairro com grande desigualdade social, e a sua realidade é mesma de muitas escolas públicas existentes por todo Brasil. A escola pode ser considerada estruturalmente grande, tendo no geral 560 alunos regularmente matriculados na instituição.

As entrevistas foram realizadas com o coordenador pedagógico, uma docente e com três discentes. A turma escolhida para a realização da pesquisa foi do 5º ano do ensino fundamental dos anos iniciais, no turno matutino.

4.1 Entrevista com o coordenador pedagógico

O coordenador pedagógico da instituição é graduado em Educação Física, pós-graduado em Educação Física Escolar e em Gestão do Trabalho Pedagógico, tendo dez anos de experiência na área da educação.

Sobre o *bullying* foram realizadas algumas perguntas para compreender como a escola trabalha com a temática. A primeira pergunta feita ao coordenador foi acerca do que ele compreende sobre o *bullying*. Em suas palavras:

“Bullying na verdade seria um ato de violência do indivíduo ao outro”.

“Este termo é utilizado para definir atos de violência e atentados físicos e morais, de modo intencional e repetidos praticados por um indivíduo ou um grupo, com o objetivo de causar dor e sofrimento em uma relação de desigualdade de poder” (SOARES, OLIVEIRA, 2019, p. 2).

Apesar da resposta sucinta do coordenador pode-se perceber que ele compreende do que se trata o *bullying*. Sabemos que tudo que é desenvolvido no ambiente educacional é regido por leis, nesse sentido ao questioná-lo sobre se conhecia as leis que amparam do *bullying* ou qualquer outro tipo de violência o coordenador respondeu:

“Não todas, mas o pouco que se acompanha, principalmente na questão escolar. Leis sobre o respeito e da autoconsciência de cada indivíduo, saber o lugar que lhe cabe”.

De acordo com sua afirmação, é notório perceber que ele não conhece as leis que são diretamente ligadas ao *bullying*, porém o respeito deve ser exercido por todo e qualquer cidadão, pois no ambiente que é desenvolvido respeito ao próximo dificilmente existirá qualquer tipo de ato violento.

Outra pergunta feita foi se para ele o fenômeno *bullying* é algo recente. “De maneira nenhuma o fenômeno do bullying é algo recente, atualmente somente denominação foi alterada.”

Os estudos tiveram início na década de 1970 na Suécia e na Dinamarca. Na década de 1980, a Noruega desenvolveu grande pesquisa sobre o tema, expandindo os estudos para inúmeros países europeus. Como reflexo desses estudos, o tema chegou ao Brasil no fim dos anos de 1990 e início de 2000 (FANTE; PEDRA, 2008, p. 36 apud SILVA, 2015, p. 2).

Por meio da sua justificativa, estudos realmente comprovam que o *bullying* já vem sendo discutido ao longo dos anos, porém não como deveria.

No Brasil, as pesquisas e a atenção voltadas ao tema ainda se dão de forma incipiente. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) se dedica a estudar, pesquisar e divulgar o fenômeno bullying desde 2001 (SILVA, 2010, p. 113 apud SILVA, 2019, p. 3).

Ao longo desses anos pesquisadores brasileiros vêm estudando sobre a temática, que infelizmente está tomando grande proporção no espaço educacional.

Partindo para como a equipe da escola busca resolver os casos de *bullying*, o coordenador justifica:

“Vai de acordo com cada situação, se o aluno for violento iremos agir de acordo com o regimento da instituição para poder colocar o aluno em repressão ou corrigi-lo de uma forma que não venha prejudicar a sua vida futuramente, o diálogo é o primeiro passo, quando não surge nenhum resultado o aluno é colocado de castigo, quando o castigo de fato não resolve os pais são chamados até a escola. Buscamos trabalhar com os alunos que cometeram o ato e com os que sofreram a violência.”

Punições, devem ser avaliadas e bem direcionadas, punir pelo simples fato de punir não resolvem os problemas, esse fenômeno pode ser evitado de forma explicativa e conscientizadora para que esses alunos possam compreender que tendo essa atitude violenta poderá trazer vários danos a sua vida e a vida de outras pessoas (FARIA, 2016, p. 9).

Referente ao que foi citado, podemos perceber que as tentativas para resolução da problemática não obtêm resultado tão positivos, pois os alunos mesmo passando por todas essas etapas aderidas pela instituição continua a cometer o *bullying*. Em relação à vítima é imprescindível que a escola busque maneiras que ajudem esses alunos, como destaca o coordenador.

De acordo com Silva (2010, p.10)

[...] as vítimas ao sofrerem o bullying seja ele em pouca ou muita intensidade podem deixar consequências em sua vida, quando as vítimas não tem a ajuda adequada, ela poderá baixar o rendimento escolar, desenvolver problemas psicológicos e quando não tratados devidamente podem leva-los a cometer suicídio.

Nesse sentido, quando o coordenador é questionado sobre quais medidas são utilizadas para que os alunos que cometem a agressão não evadam da escola, ele respondeu:

“O primeiro passo é o diálogo, mas quando todos que compõem a gestão escolar percebe que o aluno está cometendo as ações com frequência os mesmos levam até três advertências, se não resolver os pais são notificados juntamente com o conselho tutelar, para assim a escola e a vítima fiquem protegidas legalmente. Se a partir disso esses alunos tiverem melhoras no comportamento os mesmos podem continuar na escola, caso contrário o aluno é expulso da escola. A escola não pode correr risco de perder alunos bons por conta desses alunos que cometem a violência. No ato da expulsão os pais assinam o termo de consentimento.”

A escola é corresponsável nos casos de bullying, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. A direção da escola (como autoridade máxima da instituição) deve acionar os pais, os Conselhos Tutelares, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente etc. Caso não o faça poderá ser responsabilizada por omissão. Em situações que envolvam atos infracionais (ou ilícitos) a escola também tem o dever de fazer a ocorrência policial (SILVA, 2010, p. 11).

A escola, ao comunicar aos órgãos responsáveis pelos atos de *bullying* com maior gravidade, está agindo corretamente. Nesse sentido podemos destacar a questão da expulsão do aluno, que consta na Constituição Federal de 1988:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (BRASIL, 1988, p. 115).

Desse modo, mesmo o aluno tendo cometido o ato violento, ele tem direito à educação.

Não é recomendável que as escolas procurem se livrar do problema obrigando o aluno indisciplinado a se matricular em outra instituição de ensino. Pelo contrário, têm elas a obrigação de propiciar um tratamento adequado que busque o desenvolvimento psicossocial da criança e do adolescente. O aluno que é expulso ou “convidado a se retirar” acaba desenvolvendo um sentimento de rejeição e anormalidade, interferindo em sua capacidade de aprendizagem. É bem verdade que as escolas têm o direito e o dever de impor limites e criar obrigações, porém, impor limites não significa determinar medidas autoritárias, abusivas e, acima de tudo, ilegais (SILVEIRA, 2014, p. 2).

Portanto a equipe gestora não tem nenhum meio para que esse aluno não evada da escola, pelo contrário, por meio da justificativa o aluno não tem um acolhimento, mas sim é excluído da escola. Ao expulsar o aluno, a escola está passando um problema que é seu para outra instituição, que muitas vezes não têm em seu PPP ações para o *bullying*.

Ao ser questionado sobre se os alunos da escola estão preparados para identificar que são vítimas de *bullying*, responde:

“Acredito que os alunos da escola conseguem identificar quando estão sofrendo *bullying*, mas ainda tem muitos que ainda não conseguem identificar. Os alunos têm ressentimento de demonstrarem que sofreram o *bullying*. Mas nós, enquanto instituição escolar, quando percebemos chamamos a vítima para uma conversa. Mas a grande maioria dos alunos adolescentes da escola consegue identificar.”

Geralmente, os envolvidos pelo *bullying* não violam a lei do silêncio. Em primeiro lugar, constatamos que a própria vítima teme denunciar seus agressores, seja por conformismo, seja por vergonha de se expor perante os colegas, temendo virar motivo de gozações ainda maiores (FANTE, 2005, p. 69 apud SANCHES; CAVALEIRO, 2010, p.10).

Diante disso, é notório que os alunos vítimas de *bullying* não se sentem protegidos para pedir ajuda, muitas vezes aderir ao silêncio para as vítimas é uma forma de proteção. Lacunas ficaram abertas na resposta do coordenador, pois ele não soube explicar como essas vítimas conseguem identificar que são vítimas do *bullying*.

Já que o coordenador afirma que os alunos conseguem identificar, foi questionado quais atividades e projetos são realizados na escola para ajudar esses alunos, responde:

“Ações já foram realizadas na instituição sobre bullying, a escola em parceria com assistência social juntamente com psicólogos do município, trabalharam na escola a temática saúde na família na qual foi tópico de discussão o bullying. Tendo como principal foco compreender como está a mentalidade de quem sofreu a violência.”

O psicólogo é o profissional apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, ajudando a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Mas, para isso, é de fundamental importância que ele esteja inserido no ambiente da escola, participando do seu cotidiano para que possa ter uma atuação específica e mais voltada à realidade (FREIRE; AIRES, 2012, p. 56).

A justificativa citada acima acontece uma vez por ano em alusão ao setembro amarelo, em que profissionais da saúde vão até a escola ministrar palestra sobre o suicídio e sabe-se quando o *bullying* não é tratado corretamente pode levar a vítima a cometer suicídio. Mas de acordo com a citação o psicólogo é o profissional adequado para ajudar a resolver a problemática e precisa estar presente cotidianamente na escola para assim compreender a realidade de cada aluno, mas infelizmente não dispõe desse profissional na escola. Por meio disso é perceptível que a escola não tem projetos próprios para trabalhar a temática no decorrer de todo ano.

Outro aspecto que se deve levar em consideração e de fundamental importância é a parceria entre a escola e a família para assim a junção das duas possa compreender como anda o comportamento dos alunos fora da escola. Quando questionado se existe essa parceria o coordenador, responde:

“Os pais são notificados para tentarmos entender o que está acontecendo com o aluno, por que muitas vezes os alunos trazem para a escola os mesmos comportamentos de casa, ou seja, eles fazem com os colegas o que fazem com eles em casa. São notificados os pais do agressor e da vítima, e as providências que são tomadas são deixar o aluno de castigo e pedir desculpa para a vítima. O aluno é

levado até a secretária deixado em um canto para refletir sobre suas ações, o castigo resolve, pois os alunos começam a chorar e começam a relatar o porquê de estarem sendo violentos com o colega.”

Muitas vezes o fenômeno começa em casa. Entretanto, para que os filhos possam ser mais empáticos e possam agir com respeito ao próximo, é necessário primeiro a revisão do que ocorre dentro de casa. Os pais, muitas vezes, não questionam suas próprias condutas e valores, eximindo-se da responsabilidade de educadores. O exemplo dentro de casa é fundamental. O ensinamento de ética, solidariedade e altruísmo inicia ainda no berço e se estende para o âmbito escolar, onde as crianças e adolescentes passarão grande parte do seu tempo (SILVA, 2010, p.10).

Ao serem convocados para participar ativamente da vida escolar de seus filhos, os pais irão ajudar significativamente para o desenvolvimento da escola e da aprendizagem. Pois muitas vezes esses alunos apresentam comportamento diferentes em casa, tanto a vítima como o agressor.

Por meio das afirmações do coordenador pode-se analisar que a escola não tem soluções eficazes para prevenir e resolver os casos de *bullying* existente. A equipe gestora vê o castigo como a melhor solução, pensamento esse totalmente tradicional, é notório que não há resultado com os castigos, pois os alunos agressores continuam a cometer o *bullying* com maior frequência como forma de vingança por ter sido repreendido. A escola deve buscar outros caminhos para solucionar a problemática e não utilizar o castigo.

4.2 Entrevista com a docente

A docente entrevistada atua na área da educação a vinte e dois anos, graduada em pedagogia e pós graduada em práxis e docência em séries iniciais, atualmente ministra aulas para a turma do 5º ano do ensino fundamental anos iniciais.

Sobre o *bullying*, a primeira pergunta realizada foi o que a professora compreende sobre a temática, responde:

“Bullying é quando as pessoas se valem de algum defeito de outro, que eles acham que é defeito para fazer chacota das pessoas.”

O “[...] bullying é um conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos, contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento” (FANTE, 2005 apud FARIA, 2016, p. 5).

Apesar da docente ter respondido de maneira simplificada sua justificativa está coerente com a temática. A docente, por trabalhar na instituição de ensino, deve conhecer e participar das tomadas de decisões na parte pedagógica e quando foi questionada se a escola está preparada para resolver os casos de bullying, responde: “Não. Pois na minha concepção deveria ter um profissional pudesse lidar diretamente com os casos de bullying, por se tratar de um assunto muito complexo, nós enquanto professores da instituição tentamos contornar a situação, porém não estamos preparados precisamos ter parcerias com profissionais adequados.”

As escolas brasileiras não estão preparadas para desenvolver o assunto, a não ser de forma pontual e de maneira superficial. Sem preparo, a tendência é que as instituições 'lavem as mãos', perante um caso, segundo a psicanalista Sônia Makaron (FAJARDO, 2011, p. 2).

De acordo com as afirmações acima, infelizmente essa é a realidade de muitas escolas, não só do município de Nossa Senhora das Dores, mas de muitas outras por todo o Brasil. Partindo dessa afirmação, a docente foi questionada se ela se sente preparada para resolver os casos de *bullying*, e ela respondeu:

“Não me sinto totalmente preparada para identificar os casos de bullying, pois não tenho uma formação específica para isso, mas devido aos longos anos de trabalho consigo identificar alguns.”

O professor que não conhece o fenômeno, não consegue perceber quando um aluno está sendo vítima. A dificuldade que o professor tem em identificar o bullying não se deve somente ao fato de não haver denúncia por parte da vítima, devemos considerar que a falta de uma formação continuada abrangendo o tema violência escolar, que dê suporte ao professor no atendimento aos conflitos ocorridos em sala de aula, dificulta o discernimento entre violência e brincadeiras próprias da idade e, em sua atuação diária, cada professor atende um grande contingente de alunos, o que dificulta o atendimento individualizado e prejudica a adoção de medidas adequadas para a solução e prevenção do problema (MARRIEL et al. 2006 apud PINGOELLO, 2009, p. 55).

A formação continuada para os docentes é de suma importância para que assim consigam estar preparados em qualquer que seja a situação, e no caso do *bullying* ou qualquer outro tipo de violência à necessidade da percepção do professor diante dos comportamentos estranhos em sala de aula, mas infelizmente por meio da justificativa da docente ela não se sente totalmente preparada.

Outra pergunta realizada para a docente é se ela costuma falar sobre o *bullying* e se desenvolve alguma atividade sobre a temática na sala de aula. A resposta foi:

"Em minhas práticas diárias costumo estar falando sobre o bullying, são situações que acontecem recorrentemente então busco estar falando sempre sobre o respeito. Atualmente estou com uma turma muito complicada e tem alguns alunos que escolhe alguns colegas para estar fazendo chacota, brigando. Mas tenho total consciência que não abordo tema como deveria. E não desenvolvo nenhuma atividade diretamente relacionada ao bullying, mas busco trabalhar nas aulas de ensino religioso o respeito, buscando sempre que todos eles tenham interação uns com os outros."

O pouco ou nenhum conhecimento por parte dos professores sobre a forma como o bullying se apresenta e se propaga pode contribuir com a omissão de caso, não por negligência, mas por falta de conhecimento em como atuar de forma ativa na tentativa de solucionar o problema, contribuindo com a sensação de impunidade dos agressores e de insegurança nos alunos (PINGOELLO, 2009, p. 54).

O *bullying*, por estar tomando grande proporção ao longo dos anos no ambiente escolar, precisa que seja discutido constantemente, essa falta de preparo adequado relatado pela docente em suas falas pode ser considerada como algo preocupante, se a escola junto com a docente não desenvolve projetos para a temática como deveria pode ser que aconteçam casos com maior gravidade e eles não consigam identificar no momento exato.

Pelo pouco preparo relatado pela docente, foi questionado se ela considera que o *bullying* pode baixar o rendimento escolar dos seus alunos, e a docente respondeu:

"É relativo, pois tenho uma aluna que é vítima de bullying e consegue se desenvolver bem, uma aluna super inteligente. Mas tenho caso de outros alunos que se valem do que são ditos para eles e não conseguem se desenvolver pois se consideram burros. Na minha opinião também considero que esses xingamentos venham de casa, pois

os pais colocam determinados adjetivos nos filhos que são prejudiciais para o desenvolvimento da criança.”

Em consequência, a aprendizagem fica prejudicada, as vítimas sentem-se intimidadas, perdem o interesse pelos estudos e o medo que sentem é constante. Este medo bloqueia o funcionamento mental prejudicando o raciocínio e o interesse em relação à aprendizagem escolar. Tudo que os alunos vítimas de bullying desejam é se libertar daquelas agressões (SANTOS, 2016, p. 10).

Partindo do ponto central da pergunta, é notório que o *bullying* pode prejudicar a aprendizagem desses alunos que são as vítimas, quando o raciocínio está desordenado o aluno não consegue se concentrar, pois seu maior objetivo é buscar meios para ficar em segurança. O exemplo citado pela docente mostra que a minoria consegue se desenvolver bem, pode ser por ter uma estrutura familiar estabilizada e que participa ativamente da sua vida escolar.

O cognitivo e emocional precisam andar juntos, pois se o emocional fraqueja conseqüentemente o cognitivo é prejudicado, nesse sentido a docente foi questionada se pra ela o *bullying* pode afetar o psicológico do aluno, responde:

“Na minha opinião os alunos desenvolvem problemas psicológicos. Pois de tanto que eles colocam na mente que tem aquela determinada dificuldade, fragilidade o não aceitação também ocasiona esses transtornos. Tenho um aluno que tomou pra si que é burro, que não consegue aprender, por que a mãe diz que ele é burro.”

O bullying quando sofrido na infância principalmente e quando prolongado esse período estressor, pode acarretar em problemas psicológicos na criança, no adolescente e quando adulto na dificuldade de atribuir sentidos e significados as coisas. Apesar dos problemas crônicos levarem um tempo considerável para manifestação, suas conseqüências podem chegar ao desenvolvimento da depressão e baixa autoestima, problemas nos relacionamentos, que geralmente se constrói de maneira estável e de curta duração Os traumas causados pelo bullying nos alunos vitimados, podem ter conseqüências terríveis em toda sua vida, dependendo da frequência e intensidade desse assédio, bem como das características da vítima, variando em relação ao impacto sobre diversas esferas da vida dos indivíduos (MARQUES et al., 2019 apud SILVA, 2022, p. 36).

Diante das afirmações da docente juntamente com os teóricos citados, as vítimas podem desenvolver problemas psicológicos, dessa forma é fundamental a participação da escola, da docente e da família para a identificação do problema na

fase inicial, para que assim eles tenham acompanhamento adequado para que futuramente não prejudique sua vida educacional, profissional e pessoal, pois a falta de informação necessária do que se trata pode levar a devolver em transtorno e o suicídio.

Sabemos que para o desenvolvimento da criança na vida escolar a participação da família é indispensável, principalmente quando se trata de violência. A docente foi questionada se há essa participação da família na escola, segundo ela: “Os pais não são presentes e nunca tiveram na escola para relatar nenhum comportamento diferente, pois eles não aceitam. Por que na maioria das vezes na realidade das escolas públicas esses casos também já vêm de casa e é na escola que eles começam a desenvolver a agressividade ou quando são as vítimas os colegas começam a perceber os problemas que eles já têm e começam a perseguir.”

Como já foi citado a escola da referente pesquisa está localizada em um bairro com grande desigualdade social, a maioria dos pais não participa ativamente do desenvolvimento escolar de seus filhos e com muitas famílias desestruturadas. Levando em consideração que se esses agressores também não tiverem acompanhamento adequado, futuramente poderão se tornar sujeitos com problemas socioeducativos. Nesse sentido a docente foi questionada quais as atitudes ela toma para resolver os casos de *bullying* que consegue identificar, responde:

“Primeiramente gosto de conversar com o aluno, tanto com quem praticou como com quem sofreu. Sendo um caso persistente levo para a direção e notifico os pais para comparecerem na escola, mas já ocorreu casos de levar para a direção e aluno leva suspensão. Também utilizamos o castigo, porém na minha opinião não é a solução correta a se tomar nesta situação, o castigo é utilizado para que esses alunos reflitam sobre o que fizeram e para que os colegas de turma também vejam que não podem fazer o que bem entenderem.”

O professor privilegia mais a punição no trato com os alunos que apresentam condutas agressivas do que a intervenção preventiva, podendo ter como consequência o aumento das reações agressivas e ainda provocar estresse no professor, que continuará tendo que lidar com esta situação no decorrer de sua profissão (ROYER, 2003 apud PINGOELLO, 2009, p. 56).

Diante de todas as justificativas da docente foi perceptível que a escola juntamente com seus docentes não tem projetos, conhecem a temática superficialmente e a docente entrevistada não se sente preparada para resolver a

problemática. Muitos dos casos por não serem identificados pela falta de preparação levarão os alunos a terem graves problemas no futuro. Em relação ao agressor o castigo não é o melhor meio para solucionar o caso.

4.3 Entrevista com os discentes

A entrevista foi realizada com três alunos do 5º ano do ensino fundamental anos iniciais, todos eles com a mesma faixa etária, dez anos. Para preservar as respectivas identidades, os discentes receberam os nomes fictícios de Antônio, Clara e Mariana. Foram feitas perguntas a esses alunos sobre a temática, a seleção deles foi realizada pela docente que foi entrevistada, pois são os alunos da sua turma.

A primeira pergunta feita aos alunos foi o que eles compreendem como *bullying*, eles responderam:

Antônio: “O bullying machuca as pessoas, que não pode xingar as pessoas de negros, por as pessoas ser muito quieto eles começam a jogar papel.”

Clara: “Eu acho que é muito errado por eles ficarem mangando, ameaçando e que as pessoas deveriam parar de fazer isso.”

Mariana relatou que já ouviu a palavra *bullying*, mas não soube explicar.

“*Bullying* é um fenômeno que sugere atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra um ou mais vítimas” (MENEGOTTO et al., 2013, p. 2). Por se tratar de crianças de apenas dez anos de idade, pode-se levar em consideração a justificativa como correta, apesar de uma das crianças não conseguir se expressar. Como eles tem um pouco de noção do que seja, eles foram questionados se já sofreram *bullying*, e respondem:

Antônio: “Meus colegas de turma me chamam de anã e eu não gosto que eles me chamem assim.”

Clara: “Os meninos e as meninas ficam me chamando de baixinha, ficam me falando que não terei valor de nada na vida”.

Mariana: “Um dia sem querer molhei a calça e depois disso eles começaram a me apelidar de Maria mijona, por eu ser magra eles me chamam de gasguita, Olívia palito.”

“A criança de idade escolar não é ainda capaz de resistir a pressões externas. Por isso, seu auto conceito baseia-se naquilo que os outros dizem a seu respeito” (SABINI-CÓRIA, 2004 apud MADUREIRA et al., 2018, p.5). Ao analisar as falas desses alunos, pode-se compreender que se tratam de casos de *bullying*. Mesmo elas sendo crianças foi perceptível que já carregam consigo os apelidos, traumas e por não terem maturidade suficiente estão internalizando isso como verdade.

Em seguida foram questionados se já presenciaram algum caso de *bullying* com outros colegas e o que fizeram para ajudar, eles responderam:

Antônio: “Um colega levou canivete para sala para fura um menino e uma menina, por que esses colegas ficam batendo nele. Eu senti muito medo.”

Clara: “Já presenciei no corredor da escola, um colega estava ameaçando outro menino, falando que ele tinha que ser colega somente dele e que não podia ter amizades com outras crianças.”

Mariana: “Não”.

Espectador: é o aluno que testemunha todo o sofrimento da vítima, mas não tem coragem de denunciar por medo de represália dos agressores. Com medo de se transformar no próximo alvo, o aluno que testemunha as agressões tende a se afastar da vítima, contribuindo com o processo de exclusão (FANTE, 2005, p.72 apud Horiguela, 2011, p. 3).

Nesse caso esses alunos passam também a ser espectadores da violência que seus colegas sofrem. Que por tanto medo preferem adotar a lei do silêncio por medo de serem vítimas de outros agressores e continuarem sendo perseguidos. Diante desses relatos questionei se deixaram de ir à escola por medo.

Antônio: “Eu tenho medo deles, mas nunca deixei de ir à escola e não conto nada aos meus pais por que eu tenho medo que eles façam alguma coisa comigo.”

Clara: “Eu vou para escola mais tenho medo quando vejo os meninos que fez bullying comigo. E eu falo tudo aos meus pais por que me sinto protegida.”

Mariana: “Às vezes sinto medo, mas nunca deixei de vim para a escola, por que eu tenho que enfrentar meus medos. Eu sempre conto o que acontece na escola aos meus pais, mas os meus colegas ficam falando sou a menininha do papai.”

A identificação precoce do bullying pelos responsáveis (pais e professores) é de suma importância. As crianças normalmente não relatam o sofrimento vivenciado na escola, por medo de represálias e por vergonha. A observação dos pais sobre o comportamento dos filhos é fundamental, bem como o diálogo franco entre eles (SILVA, 2010, p. 14).

Levando em consideração a resposta dos alunos o medo ainda continua a persistir, porém a fala do primeiro aluno mostra que nesse caso a docente e os responsáveis precisam ter um olhar mais atento para seus comportamentos, para que mais adiante não seja prejudicial em seu desenvolvimento intelectual e emocional. Já as outras duas falas mostram que as mesmas apesar do medo costumam ter um diálogo com a família.

Por estes alunos se encaixarem ao perfil de vítimas, foram questionados se por sentir raiva de serem agredidos já tinham cometido *bullying* com outras pessoas, respondem:

Antônio e Clara: “Não”

Mariana: “Por eles ficarem mangando de mim, sentir raiva e fui fazer a mesma coisa com outros alunos, mas minha mãe me falou que não posso fazer com as pessoas aquilo que não quero que faça comigo.”

Alguns se tornam vítimas-agressoras, agredindo outras crianças, descontando e transferindo maus-tratos sofridos. Outras são as chamadas vítimas provocadoras, que provocam o agressor, mas não conseguem se defender quando ele vem tirar satisfação (ALMARIO; CRUZ; SOARES, 2013, p. 39).

Por meio da análise da resposta da aluna percebe-se que ela busca atingir outros colegas por não estar preparada suficiente e não ter ajuda adequada da equipe escolar diante das agressões que sofre.

Esses alunos foram escolhidos para a entrevista, pelo fato de já virem sendo vítimas de *bullying* desde anos anteriores. Então, foi perguntado se nesse ano de 2022 eles sofreram *bullying* na escola, eles responderam:

Antônio: “Eles ficam mangando de mim porque sei ler, sei fazer contas de matemática.”

Clara: “Não sofri nenhum bullying esse ano.”

Mariana: “Esse ano os meninos continuaram me apelidando de magrela. Fico muito triste quando acontece isso já chorei várias vezes na sala e contei a professora, mas não adiantou nada.”

Pode-se perceber que os casos continuam a acontecer por não haver um preparo adequado da escola e da docente para a prevenção e intervenção dos casos. Desse modo, para compreender o papel da escola e da docente diante do olhar dos alunos nos casos de *bullying*, os alunos foram questionados se a escola realiza algum projeto e se a docente costuma falar sobre a temática em sala de aula.

Antônio: “A minha professora fala que não pode machucar as pessoas, maltratar, que não importa se a pessoa é pardo, negro ou branco.”

Clara: “A professora passou um vídeo na sala sobre o bullying que é errado, a importância de respeitar os outros e que precisamos conviver com nossos colegas de forma amigável. A professora sempre fala que quando batemos ou xingamos algum colega ele está sofrendo bullying e que isso vai ficar na consciência dele para o resto da vida isso vai ser um trauma para a vida dele.”

Mariana: “A professora sempre fala sobre bullying na sala que é errado e que não podemos fazer isso.”

Apesar da docente não estar preparada suficientemente para trabalhar a temática em seu cotidiano, por meio das justificativas dos alunos pode-se perceber que ela tenta explicar em sala, porém não tem surgido tanto efeito visto que os casos persistem e tem surgido a cada dia. Em relação à escola todos responderam que nunca participaram de nenhum projeto no qual é discutido o *bullying*. É nesse momento que existe a comparação das falas dos alunos e do coordenador pedagógico, em que este afirma a realização de tais projetos.

Em relação a quem comete o *bullying*, foi perguntado aos alunos o que a professora faz quando acontece tal fato em sala, todos responderam que são levados para direção e lá ficam de castigo. Mais uma vez o castigo para a escola e a docente é a única solução para a resolução do caso, porém esses castigos não são a melhor maneira para resolver a problemática, isso comprova a falta de preparo dos profissionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda a pesquisa realizada, pode-se comprovar que o *bullying* é um problema que no Brasil tem ganhado grande proporção no decorrer dos anos, por este motivo já deveriam existir estudos específicos voltados ao tema. O *bullying* é um tipo de violência não somente física como também é psicológica, o agressor sempre escolhe vítimas que demonstram maior fragilidade.

O grande índice de casos de *bullying* são cometidos comprovadamente nas instituições de ensino, desse modo a breve pesquisa realizada na E.M.P.H.A., em Nossa Senhora das Dores/SE, atos violentos cometidos frequentemente com crianças indefesas, simplesmente pelo fato de ser magra, ser inteligente, usar um cabelo que foge do padrão imposto por uma sociedade que não consegue compreender a importância de respeitar o próximo.

A escola é a principal responsável por desenvolver o ensino formal, portanto discutir temas que são prejudiciais para a vida escolar e pessoal do sujeito é de fundamental importância, e o *bullying* é um deles. Sabemos que educação brasileira em alguns estados acontece de maneira escassa, nesse caso pontuar a necessidade de uma formação continuada para todos que compõe a área da educação é imprescindível, pois a falta de informação apresentada pela equipe pedagógica da escola e de uma docente que busca de alguma maneira explicar aos seus alunos sobre o *bullying*, porém não tem conhecimento específico para aprofundar em sala de aula sobre a temática.

Outro aspecto que precisa ser levado em consideração que auxilia a compreensão do porque os casos acontecem é a participação ativa da família na escola, no entanto isso não ocorre como deveria por se tratar de um bairro cuja realidade é devastadora. Comprova-se que o agressor realiza na vítima o mesmo que acontece no seu cotidiano por achar que seja correto e a vítima por sua vez ficar presa ao medo e não consegue pedir ajuda.

A vítima e o agressor ambos precisam ser ajudados, pois se a vítima não for identificada pela família e a escola que está sofrendo *bullying* desenvolverá problemas cognitivos, emocionais e nos casos mais drásticos ocorre o suicídio. Já o agressor se na escola só for utilizado o castigo como foi demonstrado não resolverá o problema, infelizmente futuramente poderá ter problemas socio educacionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elizabet Cristina Ramos da Silva, et al. **Contribuições do sociointeracionismo para o processo de ensino aprendizagem**. UNA, Betim, 2021.

ALMARIO, Alan; CRUZ, Luciene Maria da, SOARES, Camila. Bullying na perspectiva familiar. **Revista da Universidade Ibirapuera** - Universidade Ibirapuera São Paulo, v. 6, p. 37-40, jul/dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/andra/Downloads/alanalmario,+21-92-1-CE.pdf>. Acesso em: 27 de setembro de 2022.

ARAUJO, Jayann Batista de; GOMES, Fábio José Cardias. A perspectiva do professor diante do bullying no âmbito escolar. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v.1, n.16, p.1-21, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/29457/17223>>. Acesso em: março 2022.

BRASIL. **Lei Federal Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm>. Acesso em: março de 2022.

BRASIL. **LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes>. Acesso em: fevereiro de 2022.

BRASIL. **Lei Federal Nº 13.663, de 14 de maio de 2018**. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, incluindo os incisos IX, X. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm. Acesso em março de 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

FAJARDO, Vanessa. **Falta preparo das escolas para lidar com o bullying, dizem especialistas**. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/falta-preparo-das-escolas-para-lidar-com-o-bullying-dizem-especialistas.html>. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

FARIA, Jhonatan Pache. **O papel do Gestor no combate da pratica do Bullying**. AVM, São João de Meriti, 2016. Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/54209.pdf. Acesso em: 16 de setembro de 2022.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.16, n,1, p. 55-60, janeiro/junho. 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRILLO, Mariana Aparecida; SANTOS, Ana Caroline Silva. **Bullying na Escola**. Colloquium Humanarum. Presidente Prudente, 2015.

HORIGUELA, Maria de L. Morales; PINGOELLO, Ivone. Bullying na sala de aula. **Revista Eletrônica do CEAFF**. Porto Alegre - RS. Ministério Público do Estado do RS. Vol. 1, n. 1, out. 2011/jan. 2012*. Disponível em: https://www.mprs.mp.br/media/areas/biblioteca/arquivos/revista/edicao_01/vol1no1art5.pdf. Acesso em: 25 de setembro de 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: **População e Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro, 2019. P.40.

LADISLAU, Décio Escobar Oliveira. **Violência na Escola: o bullying e a prática educativa**. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283349389_Violencia_na_Escola_O_bullying_e_a_pratica_educativa. Acesso em: março de 2022.

MADUREIRA, Karliane Nascimento; SILVA, Ana Victoria Costa da; SILVA; Ana Caroline Fontes da; SANTOS, Carliane Rodrigues dos; BOTELHO, Carolline de Sousa. **Bullying infantil: a influência no comportamento de crianças em uma análise psicossocial**, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD4_SA11_ID4054_16092018235733.pdf. Acesso em: 28 de setembro de 2022.

MENEGOTTO, Lisiane Machado de Oliveira; PASINI, Audri Inês; LEVANDWISK, Gabriel. O *bullying* escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicol. teor. prat.** vol.15 nº.2 São Paulo ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200016#:~:text=2013&text=Bullying%20%C3%A9%20um%20fen%C3%B4meno%20que,Su%C3%A9cia%20na%20d%C3%A9cada%20de%201970. Acesso em: 26 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, Edjôfre Coelho. O bullying na escola: como os alunos e professores lidam com esta violência? **Revista Fundamentos**. v.2, nº.1, 2015. Disponível em: <https://www.ojs.ufpi.br/index.php/fundamentos/article/view/3727>. Acesso em: março de 2022.

PINGOELLO, Ivone. **Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula**. 2009.

Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/pingoello_i_ms_mar.pdf. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

SANCHES, Rosilene M.; CAVALEIRO, Maria Cristina; SANCHES. O professor PDE e os desafios da escola pública Paraense. **Violência (Des) Velada No Contexto Escolar: o bullying**, Paraná, v.1, p. 1-18, 2010. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uenp_ped_artigo_rosilene_martins_sanches.pdf. Acesso em: 17 de setembro de 2022.

SANTOS, Luana Cristina Silva; FARO, André. Bullying entre adolescentes em Sergipe: Estudo na capital e interior do Estado. **Psicologia Escolar e Educacional**. Vol.22, São Paulo, 2018.

SANTOS, Luciana Souza de Jesus. **Consequências do bullying no processo de aprendizagem**. 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc6-6.pdf>. Acesso em: março de 2022.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Combater o bullying é uma questão de justiça: aprenda a identificar para prevenir e erradicar esse terrível fenômeno social. Brasília, DF: FMU. CNJ. **Bullying – Projeto Justiça nas Escolas**. Cartilha 2010. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/cnj/cartilha_bullying.pdf. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

SILVA, Ariela Bezerra da. **O papel do professor no combate ao bullying na educação inclusiva**. In: CINTEDE, II, Campina Grande, 2016.

SILVA, Cristiane D. **O assistencial e o educativo na educação infantil**: Um estudo sobre as relações entre o cuidar e o educar em uma instituição pública do município de São José. São José: USJ, 2013.

SILVA, Maria Rufina Pereira da. **Bullying no ambiente escolar**: a perspectiva dos alunos da 3ª Série do Ensino Médio de uma escola pública em Porto Nacional – TO.UFT, Porto Nacional, 2021.

SILVA, Marcos Vinícios Ramos da. Consequências do bullying na saúde mental dos adolescentes no contexto escolar: revisão narrativa. **Scientia Generalis** 2675-2999 v. 3, n. 1, p. 33-38. 2022. Disponível em: <https://purl.org/27363/v3n1a3>. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

SILVA, Moura. **Bullying**: sua origem e evolução, 2015. Disponível em: <https://www.mouracoaching.com/origem-e-evolucao-do-bullying>. Acesso em: 14 de setembro de 2022.

SILVA, Moura. **Origem e evolução do bullying**, 2019. Disponível em: <https://www.mouracoaching.com/origem-e-evolucao-do-bullying>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

SILVA, Queila B.M.T. Bullying: papel dos pais na prevenção, detecção e enfrentamento do envolvimento dos filhos em situações de bullying. **Web Artigos**. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/bullying-papel-dos-pais-na-prevencao-deteccao-e-enfrentamento-do-envolvimento-dos-filhos-em-situacoes-de-bullying/77309/>. Acesso em: 25 abr. de 2022.

SILVEIRA, Mayra. Ilegalidade da expulsão ou transferência compulsória de estudante. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 19, n. 4002, 16 jun. 2014. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/28293>. Acesso em: 18 set. 2022.

SOARES, Jose Roberto Vera. OLIVEIRA, Ginarajadaça Ferreira dos Santos. **Bullying e o desafio no contexto educacional**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 09, Vol. 05, pp. 68-78. Setembro de 2019. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/bullying-e-o-desafio>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/bullying-e-o-desafio.

SOARES, Jose Roberto Vera, OLIVEIRA, Ginarajadaça Ferreira dos Santos. Bullying e o desafio no contexto educacional. **Revista científica multidisciplinar nucleo de conhecimento**. Ano 04, Ed.09, Vol,05. 2019.

SOUZA, Christiane Pantoja de; ALMEIDA, Léo César Parente de. Bullying em ambiente escolar. **Enciclopédia Biosfera**. Pará, 2011.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, CONSTÂNCIA MAISA ANDRADE SANTOS, acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientado (a) pela Prof. (a) Dr.^a Tâmara Regina Reis Sales, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema versa sobre: O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL DIANTE DAS PRÁTICAS DE BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE NOSSA SENHORA DAS DORES/SE, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

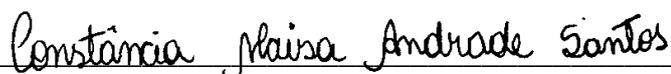
O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 25/10/2022.


Assinatura da aluna concluinte